

PROFESSOR COM FORMAÇÃO *STRICTO SENSU* NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA: TRAÇANDO SEU PERFIL

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro¹

RESUMO: Este artigo aborda os dados da pesquisa que teve como tema: “a pesquisa do professor da educação básica em Goiânia”. Tendo como referência os professores com formação *stricto sensu* que atuam na rede pública em Goiânia, realizamos em 2006 e 2007 o estudo empírico, utilizando questionários – 130 entregues e 91 devolvidos – e entrevistas com trinta (30) professores com formação *stricto sensu* da rede pública de Educação em Goiás. A análise do material nos permitiu a construção do eixo temático abordado neste artigo: o perfil profissional. Essa opção se deve à importância de tal trajetória para a constituição da profissionalidade e profissionalização docente e para a construção da concepção de pesquisa na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa, Professor da educação básica, Formação *stricto sensu* e trabalho docente.

Introdução

A análise da literatura no campo educacional mostra que os estudos que defendem a necessidade da investigação, pelo professor, de sua prática docente, o fazem de forma descontextualizada, apenas prescritiva, propondo que os docentes se transformem em pesquisadores de sua prática. Não se examina a trajetória de formação, da condição de trabalho e carreira ou mesmo dos recursos de infra-estrutura e financeiros necessários para que um professor de educação básica produza pesquisa.

Brzezinski (2007) alerta sobre as lacunas quanto aos estudos sobre Políticas de Formação e a Profissionalização Docente, que cada vez ocupa menor espaço nas pesquisas, mostrando que se tem discutido a formação de professores, porém os enfoques encontram-se alijados no que se refere à compreensão das condições de trabalho, carreira e políticas voltadas ao apoio do trabalho docente e às possibilidades existentes para que ocorra a pesquisa no âmbito da educação básica.

Os aspectos levantados nos estudos sobre a profissão docente fazem-nos defrontar com condições objetivas e subjetivas, que estão presentes dialeticamente na atuação dos professores.

¹ Professora da Universidade de Brasília-UnB – Faculdade de Educação – Departamento de Administração e Planejamento – PAD. E-mail : Katiacurado@unb.br

Basso (2002, p. 2) entende que “as condições subjetivas são próprias do trabalho humano, pois este se constitui numa atividade consciente”. Tais condições subjetivas referem-se principalmente à formação do professor enquanto *ser* professor, que inclui a compreensão do significado da atividade construída ao longo de sua história, que influencia na sua atuação prática. Já as condições objetivas remetem-se às circunstâncias efetivas de realização do trabalho. A análise dessa relação pode permitir-nos compreender de modo mais sistemático a concretude do trabalho do professor.

Para compreender o papel/significado da pesquisa e sua possibilidade na educação básica, optamos por trabalhar com professores que já haviam desenvolvido uma pesquisa acadêmica aceita como iniciação científica, portanto os que tinham cursado um programa *stricto sensu*, na hipótese de que, no mínimo instrumentalmente, eles teriam melhores condições de desenvolver pesquisas. Isso porque receberam formação adequada já realizaram um primeiro trabalho, de acordo com o objetivo da pós-graduação no Brasil, vinculado ao desenvolvimento e formação para pesquisa. Propusemo-nos conhecer qual o perfil do professor que procura a formação para pesquisa e continua atuando na educação básica.

Delineando o perfil dos professores: a condição de sujeito

Ao realizar o levantamento sobre o número de professores com formação *stricto sensu* atuando na rede de educação básica pública – estado e município, ficamos surpresas com o resultado positivo. Mesmo levando-se em conta o contingente de professores das duas secretarias, e que o número de pós-graduados não atinge um por cento (1%) de sua totalidade, é interessante notar que parece haver um movimento dos profissionais da educação básica no sentido de buscarem ampliar sua formação por iniciativa individual. Ressaltamos, porém, que, em termos de carreira essa modalidade de formação pouco acrescenta².

Um ponto salutar nos dados em referência é que já de início apontam a possibilidade da pesquisa na educação básica, uma vez que os professores já a realizaram vinculados à rede, e mais, uma pesquisa que vai além da proposta de professor pesquisador/reflexivo. Os dados demonstram também que a formação *stricto sensu* começa a fazer parte da formação continuada do professor da educação básica e, portanto, instiga os programas a pensarem nas diretrizes do V PNPG, que prevê a relação entre pós-graduação e docência na educação básica.

² O Plano de Carreira do Magistério Público Estadual - e Municipal - 2000 (Art. 26, inciso I) não prevê mudança de cargo com a titulação de mestre ou doutor, acrescenta a cada título dez por cento (10%) de adicional de titularidade, em termos financeiros.

Tabela 1: Professores com mestrado/doutorado que atuam na rede de Educação Pública da Secretaria Estadual da Educação (SEE) e Secretaria Municipal de Goiânia (SME).

Instituição	Total de professores/efetivos	Professores Mestrado/Doutorado	Frequência %
Secretaria MunicSME	7.114	109	1,53
SEE	28.556	79	0,28
Total	35.670	188	0,53

Legenda: SME = Secretaria Municipal da Educação de Goiânia. SEE = Secretaria Estadual da Educação em Goiás.
Fonte: Silva, pesquisa de doutorado, 2007.

Na tabela 2 apresentamos os dados referentes aos professores com mestrado e doutorado especificamente da rede pública de Goiânia, estado e município, diferenciada da tabela 1, que representa a totalidade dos professores do estado. Os números da Secretaria Municipal de Educação (SME) apresentam um percentual de 1,53% de professores com mestrado/doutorado atuando na educação básica. O que faz a diferença? Estar na capital, vivendo próximamente aos programas? Condição melhor de trabalho? Apoio da Secretaria Municipal de Educação? Ou possibilidades de outras carreiras? São questões para além deste trabalho, mas que ao longo da discussão procuraremos abordar.

Dentre os sujeitos participantes, apenas um entrevistado vinculado à rede municipal é doutor. Havia cinco cursando doutorado, três deles professores do município, um professor do Estado e um tem vínculo com as duas redes de educação: Estado e Município. O doutoramento para professores da educação básica é uma iniciativa muito incipiente ainda, como pode ser percebido pelo número pequeno de docentes vinculados a esse nível de ensino que estão buscando essa formação. Na rede estadual há um doutor e um professor cursando doutorado.

Tabela 2: Professores com mestrado/doutorado que atuam na rede de Educação Pública em Goiânia-GO.

Instituição	Total de professores efetivos	Mestrado	Doutorado	Total	Frequência %
Secretaria MunicSME	7.114	108	1	109	1,53
SEE	8.221	38	1	39	0,47
Total	15.335	146	02	148	2,10

Fonte: Silva, pesquisa de doutorado, 2007.

Entendemos que o professor é um homem/mulher de um momento histórico determinado, de uma sociedade concreta e contraditória, e ao mesmo tempo, um ser individual, com sua subjetividade, com uma história de vida, ligado a um estatuto social, a uma família, a um meio: com tudo interferindo no desempenho do seu papel profissional³.

³ O conceito de profissional diz respeito a um *status* no exercício de uma formação social de trabalho, com código de ética, direitos trabalhistas, reconhecimento social e com uma formação específica que permite exercer, compreender e modificar o trabalho desenvolvido.

Em que pesem as nossas divergências teóricas com Nóvoa (1995, 1997), o autor, ao resgatar a história da profissionalização docente, processo pelo qual se vai gradualmente constituindo o percurso da profissão, contribui marcadamente com o campo ao analisar que os estudos da profissão têm sido marcados por uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional. Os estudos desenvolvidos por Nóvoa, bem como aqueles por ele divulgados, trouxeram uma nova perspectiva para a formação de professores ao salientarem a influência da individualidade. A identidade do professor, segundo o autor, não é alheia à forma de compreensão do eu pessoal e do eu profissional.

Considerando que se tornar professor é parte de um processo plural, procuraremos traçar o perfil dos professores, abordando os seguintes aspectos de cunho individual e social: sexo, idade, estado civil e número de filhos.

Na tabela 3 podemos observar que a informação da idade dos professores com mestrado/doutorado que atuam na educação básica pública em Goiás aponta para um processo decrescente na relação faixa etária, atuação docente e formação *stricto sensu*. Os professores pesquisados apresentam maior frequência na faixa de 25 a 36 anos, representando 45,1% dos sujeitos da pesquisa.

A média de idade para a formação em mestrado no Brasil gira em torno dos quarenta e cinco (45) anos (CAPES 2004-2007). Considerando que a idade do professor constitui uma das marcas de sua atuação e profissionalização, acreditamos que isso possa ser um indicativo positivo para o profissional e para a qualidade da educação básica, pois investe na sua carreira ainda jovem. Mas pode indicar também resultado da pressão por melhores condições de profissionalização decorrentes do mundo do trabalho, o que não desmerece o movimento, pois a tensão formação/mundo do trabalho abre possibilidades para a emancipação.

Quanto à idade média dos docentes no Brasil, estudos da UNESCO (2004) apontam uma média de 37,8 anos, porém a pesquisa divulgada em 2006 pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) aponta que 53,1% se concentram na faixa etária de 40 a 59 anos⁴. Os professores da nossa pesquisa estão dentro da média de faixa etária diagnosticada pela UNESCO.

Há, entretanto, uma questão contraditória na relação idade, formação e atuação, considerando o panorama internacional da União Européia, cuja média é de mais de 40 anos, com os dados indicando que são nos países mais pobres, que estão concentradas as faixas etárias mais jovens de professores. Cabe a análise de que a concentração de docentes mais jovens pode estar relacionada a uma situação de abandono, “aposentadoria precoce” ou mesmo o ingresso em outro

⁴ A justificativa para essa diferença é que a pesquisa da UNESCO representa a totalidade dos estados brasileiros e a do CNTE atinge dez estados.

nível de carreira, principalmente no caso desta pesquisa, uma vez que nossos sujeitos são pós-graduados e são atraídos pela carreira no ensino superior.

Tabela 3: Proporção de professores por idade.

Anos	Frequência	%
25 ---- 36	41	45,1
36 ---- 46	28	30,8
46 ---- 51	8	8,8
51 ou mais	14	15,4
Total	91	100,0

Fonte: Silva, pesquisa de doutorado, 2007.

A tabela 4 confirma um dado já bem conhecido, a feminização do trabalho docente, mostrando que os sujeitos participantes da pesquisa, professores com formação *stricto sensu*, são na maioria mulheres. Ao revisar a produção teórica sobre o tema, publicada entre 1990 e 1998 em periódicos especializados, André (2002) refere-se a autores que fornecem elementos para pensar sobre a discrepância entre o número de mulheres e de homens envolvidos no magistério, principalmente na educação infantil e primeiras séries do ensino fundamental. A autora localiza onze artigos que sublinham os determinantes sociohistóricos como o fator que leva à feminização do magistério.

O processo de feminização do trabalho docente teve início na expansão do sistema de ensino, com o desenvolvimento do capitalismo associado à expansão da industrialização. Isso ocorreu em virtude de múltiplos fatores relacionados com a condição sócio-cultural da mulher e com as relações de força produtiva, bem como com a ideologia da domesticidade, com a falsa identidade entre o trabalho de ensinar e as “habilidades femininas”, com o ideário do sacerdócio e da vocação, dentre outros.

Deve-se destacar a importância do estudo do trabalho docente não como qualquer trabalhador, mas como um trabalhador sexuado: é mulher e trabalhadora, portanto as relações de gênero e de classe⁵ são essenciais para compreender e fazer avançar esse campo. Não é só a questão numérica, mas a feminização produz marcas na caracterização da profissão, nas formas de ensino, na representação social, marcas produzidas até mesmo pela dominação sofrida historicamente pela mulher em outros campos. A formação *stricto sensu* associada à autonomia intelectual e profissional acaba por ter um sentido especial para esse grupo de mulheres.

⁵ Apesar da controvérsia quando se trata de caracterizar a posição de classe ocupada pelos docentes dentro da estrutura capitalista, há um consenso entre os diferentes autores (ENGUITA, 1991; HYPOLITO, 1997; ARROYO, 1980; dentre outros) no que se refere ao processo de assalariamento. Um corpo profissional nitidamente caracterizado como membro das classes médias vive atualmente uma situação de classe, no mínimo, contraditória e ambivalente.

A análise não tira o sentido também especial e a surpresa por 27,5% de homens atuando na educação básica e com formação *stricto sensu*, o que indica mudanças na organização da profissão e da sociedade.

Tabela 4: Proporção de professores por sexo.

Sexo	Frequência	%
Feminino	66	72,5
Masculino	25	27,5
Total	91	100,0

Fonte: Silva, pesquisa de doutorado, 2007.

A tabela 5 apresenta o perfil profissional dos professores mestres e doutores que atuam na rede de educação básica pública em Goiânia quanto à questão dos relacionamentos pessoais. Os dados apontam estar em consonância com o movimento da sociedade moderna: apenas 47,3% dos professores pesquisados se declararam casados. A média nacional de docentes que se nomeiam casados é de 55,1% (UNESCO, 2004). Parece haver uma queda nas uniões estáveis e no número de filhos, que pode ser explicada pelo público jovem e pela questão cultural e organizacional da sociedade.

Tabela 5: Proporção de professores segundo o estado civil.

Estado civil	Frequência	%
Casado(a)	43	47,3
Solteiro(a)	34	37,4
Divorciado(a)	11	12,1
Outros	3	3,3
Total	91	100,0

Fonte: Silva, pesquisa de doutorado, 2007.

A análise da tabela 6 traz algumas questões interessantes, apresentando novas composições familiares: o número de filhos é baixo, com indicação de um (1) ou dois (2) filhos; uma porcentagem expressiva de 47,3% declara não ter filhos, porcentagem maior que o número de solteiros. Isso pode ser explicado pela idade dos professores, que são ainda jovens, mas parece ser mais uma tendência dos tempos atuais.

Cabe ressaltar o mito decorrente da seletividade intelectual dos programas *stricto sensu* de que casamento e filhos não “combinam” com a atividade de dedicação que a formação exige. Algumas entrevistas (Prof. 01 e Prof. 30) indicam que a temática constou do questionamento da banca de entrevista para a seleção do mestrado. Há ainda o depoimento de uma professora que alega

ter sofrido algum tipo de constrangimento por engravidar no período de produção intelectual, dentro do programa⁶.

Tabela 6: Proporção de professores, segundo o número de filhos.

Nº. de filhos	Freqüência	%
0	43	47,3
1	18	19,8
2	17	18,7
3	11	12,1
4	1	1,1
6	1	1,1
Total	91	100,0

Fonte: Silva, pesquisa de doutorado, 2007.

Neste item, os atributos abordados apontam para um perfil de professor com formação *scrito sensu* que atua na rede pública de Goiânia, com jovens entre 25 e 36 anos, a maioria do sexo feminino, mas com uma boa expressividade masculina e que já viveram um relacionamento estável. O número de filhos é baixo, com uma porcentagem significativa de professores sem filhos.

Considerações finais

Compreendemos que momentos de singularidade e de universalidade fazem parte da profissão docente. Singularidade marcada pelas suas representações de mundo, sua identidade pessoal, conflitos e ideologias; e universalidade presente no *status* científico ético da categoria profissional. Para compreender o professor, tomamos como pressuposto as idéias de Luckás (1970), para quem o singular só existe na relação com o universal e todo universal abarca todos os objetos singulares, porque esses objetos respondem às necessidades humanas de sua época. Decorre daí que, que ao analisar a profissão docente, é preciso levar em consideração os aspectos singulares e universais, desenvolvidos a partir da historicidade de homens concretos .

Essa caracterização dos professores pesquisados permite perceber algumas especificidades e continuidades da profissão, singularidades e universalidades, além de fornecer dados gerais que facilitam uma aproximação do universo dos professores e da relação com a pesquisa, provocando indagações sobre a perspectiva profissional, os motivos de buscar a formação *stricto sensu*, dentre outros.

⁶ Esse seria um bom objeto de pesquisa, como não é a questão central deste estudo, prosseguiremos traçando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa.

Ao trazer as informações sobre o trabalho docente dos professores da rede pública de educação básica de Goiás, com formação *scrito sensu*, revelando o perfil profissional desses sujeitos, tivemos a intenção de perceber como as questões referentes à profissionalização vão constituindo a relação com a pesquisa no desenvolvimento do trabalho. Têm-se discutido a centralidade dos professores como responsáveis pela mudança nos contextos de reforma e de melhoria da qualidade, ressaltando que a reflexão que se faz da prática pode mudar a qualidade da educação. Entretanto os dados que obtivemos e analisamos, permitem-nos chamar a atenção para a necessidade de conhecer a materialidade do trabalho docente, quem é esse profissional e discutir questões relativas à política docente, ou seja, carreira, remuneração e capacitação, ou mesmo condições para a pesquisa.

Bibliografia

- ARROYO, Gonzalez Miguel. Operários e educadores se identificam: que rumos tomará a educação brasileira? *Educação e Sociedade*. São Paulo: Cortez/Cedes, n. 5, p. 5-23, jan/1980.
- BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. *Cadernos Cedes*, Campinas, v.44, p. 19-32. 1998,
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *IV Plano Nacional de Pós-graduação*. Brasília, DF: CAPES, 1998. Disponível em < <http://www.capes.gov.br>> Acesso em: 16 de junho de 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Perfil da pós-graduação*. Brasília, DF: CAPES, 2007. Disponível em < <http://www.capes.gov.br>> Acesso em: 16 de junho de 2007.
- BRZEZINSKI, Iria. GT 8: A pesquisa sobre formação de profissionais da educação em 25 Anos de história. *ANPEd*. Trabalho encomendado- GT 08. 2007.
- CNTE. *Retrato da Escola 1,2,3*. Disponível em < www.cnte.org.br >. Acesso em 26/03/ 2006.
- ENGUITA, M. F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n.º 4, p.41-61, 1991.
- HYPLOLITO, Álvaro L. Moreira. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1970.
- NÓVOA, Antonio (Org.) *Profissão professor*. 2. ed. Porto, Portugal: Porto. 1995.
- NÓVOA. António. (Org.). *Os professores e sua formação*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- UNESCO, Pesquisa Nacional. *O Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna. 2004.